

Dengue Strasse

ESTADO DE SÃO PAULO

JORGE DA CUNHA LIMA

Buscamos tão ansiosamente uma identificação com o Primeiro Mundo que vamos acabar perdendo o que nos resta de identidade própria. As vitrines do Ocidente Europeu, e até mesmo desse trópico embonecado que é Miami, nos excitam tanto que, em qualquer botequim, passamos a fazer discursos de economia liberal, estética pós-moderna e comportamento pós-permissivo. Mas cabe a pergunta: nós viemos aqui pra beber ou pra conversar?



O discurso do governo é o da modernidade. O discurso do empresariado é o da modernidade. Dos meios acadêmicos e tecnológicos, idem. Todos querem modernidade e identificação com o Primeiro Mundo. Mas ninguém que tenha perdido a própria identidade pode atingir a modernidade. E quem já perdeu as calças não pode frequentar clube tão chique.

Olhar para o próprio umbigo não seria desonroso no momento. Não podemos nos africanizar tão singelamente. Que modernidade é essa, com cólera, Aids e dengue fazendo o trottoir nas mais respeitáveis alamedas urbanas?

Oswaldo Cruz já sabia, há 80 anos, que o problema é nosso. País desenvolvido só se interessa por doenças já instaladas nos finos endereços da Madison Avenue ou da Place Vendôme.

Não podemos nos argentinizarmos e assistir, impávidos, ao sucateamento total de uma indústria já obsoleta. Nenhum processo industrial resiste a duas décadas de espera e recessão.

No longo capítulo da tecnologia, não podemos pretender tecnologia de ponta, nem mesmo de popa, enquanto o ensino básico mantiver os crônicos níveis miseráveis de repetência, analfabetismo e evasão escolar.

E mais: ninguém pode en-

trar nesse clube do Primeiro Mundo sem instituições sólidas e respeitáveis.

Um Judiciário que tenha os mesmos critérios de julgamento para os poderosos e para os humildes.

Uma burocracia que se restrinja, com honestidade, ao essencial, e não viva criando dificuldades para colher propina. Um Congresso que não seja apenas o cenário vazio de elaboração de leis magnas, complementares e provisórias, mas o espaço institucional de um projeto nacional básico.

Enfim, não vamos ter carteirinha do Hemisfério Norte enquanto o Executivo, em lugar de ser a sombra do seu titular, não for um instrumento competente das esperanças que o mandato despertou.

Se temos vergonha de ser Terceiro Mundo e ainda não temos condições de ser Primeiro, por que não lutamos para ser o Segundo? Por que não sermos uma alternativa de desenvolvimento e cultura, tanto para os que ainda estão pior quanto para os que se esclerosaram espiritual e materialmente na abundância?

Estranho que os sociólogos, historiadores, políticos e antropólogos se recusem a aceitar para nós essa condição intermediária de Segundo Mundo, jogando-nos maniqueistamente muito abaixo ou muito acima do que podemos. Temos de lutar para alcançar essa etapa.

A situação é de extremo risco. A escala de rendas do Brasil já baixou a níveis de Quarto Mundo. A saúde pública também. Segundo a Igreja, que tem filiais e antenas em cada município, o conflito social já está instalado no Brasil.

Se quisermos mudar de endereço e sair da Dengue Strasse em que vivemos, temos de reinventar o Brasil, com nossas forças e nossa imaginação, sobretudo depois que descobrimos, que Deus, afinal, não é tão brasileiro assim.

[Jorge da Cunha Lima é jornalista e publicitário]